

JOGO DA MALHA: SENTIDOS DA PRÁTICA PARA JOGADORES DO CLUBE DE MALHA JOÃO BONZI, EM IGUABA GRANDE-RJ

Recebido em: 08/09/2022

Aprovado em: 18/12/2022

Licença: 

André de Brito Oliveira¹

Faculdade UNILAGOS (FAC-UNILAGOS)/UNIASSELVI/Universidade Salgado de

Oliveira (UNIVERSO)

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

<http://orcid.org/0000-0003-1926-1238>

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo elucidar os sentidos do Jogo da Malha para seus praticantes, considerando em específico, a prática desenvolvida no Clube de Malha João Bonzi, localizado na cidade de Iguaba Grande-RJ. Trata-se de um estudo de caso cuja metodologia assemelha-se à etnografia, considerando a imersão na realidade, entrevistas semiestruturadas, observação participante e registros audiovisuais. As entrevistas foram aplicadas aos principais malhistas e membros da família Bonzi, especificamente ao senhor João, ao seu filho e à sua nora. A escolha foi intencional, pelo fato de serem pessoas que são detentoras de um capital cultural ímpar acerca do jogo (praticantes, organizadores, árbitros) e por serem influenciadores da prática. A Malha, apesar de ser um jogo milenar, rompeu o tempo e continua viva nas práticas e imaginário das pessoas. Entretanto, considerando a falta de incentivo público e massificação das modalidades midiaticizadas, a Malha está fadada ao esquecimento e se tornar não mais que um jogo/esporte nos anais da história.

PALAVRAS-CHAVE: Jogo da malha. Atividades de lazer. Esportivização.

HORSESHOE GAME: SENSES OF PRACTICE FOR PLAYERS OF THE JOÃO BONZI HORSESHOE GAME CLUB, IN IGUABA GRANDE-RJ

ABSTRACT: The present study aims to elucidate the meanings of Horseshoe Game for its practitioners, specifically considering the practice developed at Horseshoe Game Club João Bonzi, located in the city of Iguaba Grande-RJ. This is a case study whose methodology is similar to ethnography, considering immersion in reality, semi-structured interviews, participant observation and audiovisual recordings. The interviews were applied to the horseshoe player and members of the Bonzi family, specifically to Mr. João, his son and daughter-in-law. The choice was intentional, because they are people who hold a cultural capital close to the game (practitioners, organizers, referees) and because they are influential in the practice. The Horseshoe

¹ Professor Graduado em Educação Física pela Universidade Salgado de Oliveira. Professor das séries iniciais com formação em nível médio. Pós-Graduado *latu sensu* em Treinamento Desportivo pela Universidade Salgado de Oliveira. Pós-Graduado *latu sensu* em Educação Especial pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Ciências da Atividade Física pela Universidade Salgado de Oliveira.

Game, despite being an ancient game, has broken time and is still alive in people's practices and imagination. However, considering the lack of public incentive and massification of mediatized modalities, the Horseshoe Game is doomed to be forgotten and become no more than a game/sport in the annals of history.

KEYWORDS: Horseshoe game. Leisure activities. Sportivization.

Introdução

Antes que Charles Miller propagasse em terras brasileiras, ao final do século XIX, a ideia do novo esporte chamado Futebol, o qual se tornaria uma paixão nacional, muitas práticas corporais, sobretudo aquelas culturais, já eram praticadas em solo brasileiro. Além da capoeira, por exemplo, outra prática bastante conhecida no Brasil como modelo de entretenimento no tempo ócio, de distensão do mundo do trabalho, foi a Malha. Entretanto, não diferente dos jogos e esportes de sua época, a Malha também foi alvo do processo de esportivização intensificado em todo o mundo, a partir do século XIX (BRACHT, 2005).

O Jogo da Malha – manifestação esportiva com raízes no lazer – tem origens em tempos e lugares bastante remotos. Há indícios de que o jogo chegara ao Brasil através de imigrantes portugueses, sendo praticado ainda no Brasil-Império. Trata-se de um jogo com origem no império Romano, quando soldados, em suas horas de lazer, arremessavam ferraduras de seus cavalos contra objetos postos no solo (FONSECA, 2015; CBDT, 1986).

Em profundo relato sobre jogos populares portugueses, Cabral (1985) traz à tona as variações do Jogo da Malha em Portugal. Segundo o autor, o jogo naquele país pode assumir variações como Malhão, Fito, Chiquilho, Malha ou Palito. Isso se deve aos sentidos que cada localidade atribui ao jogo, ainda que o mesmo tenha uma matriz cultural única. Corroborando tal diversidade, Cabral (1985, p. 171) apresenta a Malha com Círculo, uma variação do jogo existente no norte de Portugal, na região do Minho.

Trata-se de uma das variações mais próximas do chamado Jogo da Malha existente no Brasil, atualmente. Para o autor:

[...] O círculo riscado no chão serve para dificultar o jogo e, por vezes, é substituído por um semicírculo. [...] A distância entre os pinocos é de 15 a 20 metros, e só se utilizam malhas de ferro. Cada jogador que atira dispõe também de duas malhas, mas estas só contam se ficarem dentro do círculo, no centro do qual se coloca um pinoco. O círculo riscado no chão tem um metro e meio de raio, mais ou menos. Uma malha que derrube o pino e saia totalmente do círculo não conta, assim como a malha que for por outra impelida pra fora. O derrube (mecada ou carada) vale 2 e a malha mais próxima do pino vale 1. O jogo termina aos 30 pontos. Mas a equipa cujo adversário passar dos 15 pode miar. Miar consiste em mudar o pino para outro lado, dentro do círculo.

Nos Estados Unidos, a modalidade é praticada comumente sob o nome de *Horseshoe Pitching* ou, *Horseshoe Game*, mantendo-se o mais próximo possível de sua matriz histórica, isto é, o jogo com ferraduras. Naquele país, por exemplo, há uma organização nacional com milhares de praticantes associados (NHPA, 2016; 2021).

Imagem 1: Horseshoe Pitching (arremesso de ferradura) – 1918.



Fonte: Na foto, Ed Nace – Campeão Nacional no Esporte de lançamento de ferradura, em 1918, em Ohio, EUA. Disponível em: <https://www.uaarchives.org/digital/collection/p4036coll10/id/238/rec/2>.

No Brasil, esta prática se espalhou por todo o território nacional, alcançando patamares competitivos, sobretudo a partir da segunda metade do século passado (CBDT, 1986). Isso fez com que surgisse as federações do novo esporte, reunidas pela

Confederação Brasileira de Desportos Terrestres (CBDT, 1986). Por meio do Grupo Palestra Sport, ao organizar as regras oficiais de Malha – logo, esportivizando mais esta prática cultural, a CBDT (1986, p. 1) apresentou os seguintes dados históricos:

Jogo de origem antiga, pois remonta à época em que começaram a ferrar os cavalos do exército romano. Para ocupar as horas de lazer nos acampamentos, os soldados tiveram a idéia de aproveitar as ferraduras imprestáveis, atirando-as contra estacas. Não tardou a divulgar-se o gosto pelo divertimento, tanto mais que ele constituía bom exercício físico. Com o tempo, difundiu-se por toda a Europa, sendo introduzido pelos colonizadores ingleses.

A organização da modalidade em federações nacionais, elevando-a à condição de esporte, com regras próprias, possibilitou que a Malha fosse competida de forma unificada (CBDT, 1986). Ainda assim, mesmo sendo mais antiga que o futebol de Charles Miller no país, a Malha não chamou a atenção da mídia esportiva, ficando restrita aos corredores de antigos clubes e terrenos baldios, marginalizada, sendo esquecida com o passar dos anos.

Coisa de Vadio e Desocupado: a Malha aos Olhos da Lei

Da mesma forma que a Capoeira, a Malha também avançou em nossa história como atividade marginalizada, como entretenimento de rua, sobretudo em momentos de ócio. Isso atribuiu-lhe uma imagem antissocial, antimoral, de relação com o ócio, com a vadiagem, sendo coisa de desocupado, vagabundo, desordeiro, sob vigilância das leis brasileiras, sobretudo a partir da abolição da escravatura. Esta visão também marginalizou seus praticantes, impedindo a propagação cultural entre as diferentes camadas sociais.

Em 08 de junho de 1886, a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo concedeu à Câmara Municipal da cidade de Bananal – SP – a validade da resolução nº 137 – um código de postura que, entre outros assuntos, impunha em seu Capítulo VII, artigo 71, a seguinte determinação: “São proibidos os jogos de malha, búzios e bolla,

nas ruas, praças e estradas, sob pena de 10\$000 de multa, sendo escravos os parceiros serão recolhidos à cadêa, até serem reclamados por quem de direito” (SÃO PAULO, 1886, p. 387). Esta narrativa sugere ter sido São Paulo, o primeiro Estado do país a praticar a Malha (FONSECA, 2015), ou, pelo menos, a normatizar tal prática. Estes procedimentos ganharam espaço em outros Estados de igual maneira, inclusive no Rio de Janeiro – capital do país à época.

Como tantas outras normas que existiam Brasil afora, percebe-se que esta é uma lei anterior ao famoso Código Penal Brasileiro de 1890, o qual, por consequência do aumento de mendigos e desocupados vistos após a abolição da escravatura, tratou de elencar em seu enredo, uma seção exclusiva sobre vadios e capoeiras, bem como para jogos e apostas (BRASIL, 1890).

No entanto, da mesma forma que os capoeiristas, os malhistas também desafiavam as autoridades e as leis constituídas, empregando à Malha e aos seus praticantes, um sentido de resistência. Desse modo, a perseguição era certa. Inúmeras são as notas de jornal contextualizando reclamações às autoridades policiais sobre o jogo da Malha. A exemplo, “indivíduos sem ocupação alguma são jogadores e nesse divertimento provocam e tem escapado de ofender com malhas os transeuntes” (O FLUMINENSE, 1903, p. 3).

As queixas também envolviam crianças, forçando as autoridades a penalizarem “menores que durante o dia exercitam-se no jogo da malha, na Travessa do Indígena, perturbando o transito público” (O FLUMINENSE, 1904, p. 3). Percebe-se neste contexto, que a intergeracionalidade era uma marca da Malha enquanto prática de lazer, isto é, não era um jogo apenas de adultos e idosos como ocorre atualmente, mas também de jovens e crianças. No entanto, a manifestação deste jogo desequilibrava os sistemas

social e legal instituídos na época, o que fazia de seus praticantes desordeiros e antissociais.

Nestas circunstâncias, a prática do Jogo da Malha, não diferente da Capoeira, também era sufocada pelas autoridades, considerada jogo de desocupados e uma afronta à sociedade (BRASIL, 1890). Quando praticada em ruas, entendia-se que colocava em perigo os transeuntes. Dessa forma, foi marginalizada e impedida, de certa forma, de chegar às gerações futuras como manifestação da cultura corporal popular, interrompendo o processo intergeracional. Na verdade, atividades emanadas do povo como ato criativo e inventivo não eram vistas com bons olhos.

O incômodo relatado não se trata apenas de desordens e violência em detrimento do jogo. A questão central era a apropriação dos espaços de lazer, as práticas de lazer (FONSECA, 2011), ainda que estas fossem entendidas como sinônimas de vagabundagem, de nada fazer. E, como o nada fazer era proibido (coisa de vadio e vagabundo), os seus atos eram discriminados e perseguidos. O trabalhador braçal não podia encontrar descanso no lazer, no entretenimento, mesmo depois das suas obrigações diárias. O ócio era coisa de vagabundo, logo, lazer não era coisa de trabalhador.

No entanto, o mesmo código penal que pesava a mão sobre o lazer do operário (e dos vadios também), aliviava quando o assunto se referia a jogos envolvendo corridas de cavalos: “Não se compreendem na proibição dos jogos de azar as apostas de corridas a pé ou a cavallo, ou outras semelhantes” (BRASIL, 1890). Chamados de turfe, o esporte-espetáculo das corridas de cavalo que envolvia a elite carioca no século XIX em torno dos *jockeys clubs* certamente não contava com a participação de negros, muito menos de desocupados. Esta realidade se estendeu durante décadas à frente, envolvendo práticas como o frescobol, o futebol de praia e o futevôlei, sendo reprimidos em meados

do século XX pelas autoridades militares nas areias do Rio de Janeiro, por exemplo (OLIVEIRA, 2017).

Evidências indicam, sobretudo no Rio de Janeiro, que o jogo da Malha tenha chegado aos clubes por um processo natural em sua prática. A partir de 1900, jornais da época, quase sempre relatavam as práticas do jogo associadas às áreas comerciais, nas chamadas portas de venda. Registra-se por meio do jornal O Fluminense que “reclamam os moradores da rua Mem de Sá, contra o contínuo jogo da Malha [...]. Segundo nos informam, esse jogo realiza-se das imediações da venda n. 52 d’aquella rua” (O FLUMINENSE, 1905, p. 2). Dezenas de outros registros em diferentes jornais da época retratam o mesmo, sempre em contexto de queixa policial.

A Malha é retratada também na canção de Luiz Gonzaga, denomina de Calango da Lacreia, do ano de 1946 (GONZAGA; PORTELLA, 1946). A música que aborda assuntos referentes ao trabalho, à moralidade, ao contexto legal da época, desenha a seguinte estrofe: “No lugar que eu jogo bola, não quero jogo de maia. Também quero ter direito, você mesmo me atrapaia”. *Maia*, na canção, refere-se à Malha. Notadamente, o contexto em que se insere também é de disputa, pois o compositor e intérprete adverte sobre o jogo, sendo seu interesse pelo futebol que, em síntese, é praticado no mesmo espaço que o da Malha. Provavelmente, está se falando de um espaço geográfico constituído de terra.

Aproveitando que o jogo movimentava o comércio, os proprietários começaram a levar para dentro das vendas a prática da Malha, de forma que diminuísse a queixa sobre seus praticantes. O fato é registrado quando reclamam do jogo às autoridades policiais, “para que desapareça das casas de negócio – o conhecido jogo da Malha que está sendo perniciosíssimo como ponto de atração para seus trabalhadores” (O FLUMINENSE, 17 jul. 1906, p. 3). Esta queixa ocorreu na cidade de São Pedro da

Aldeia – interior do Estado do Rio de Janeiro – região deste estudo – quando a mesma matéria jornalística criticou: “Efectivamente, não tem explicação o facto de negociantes que querem passar por sensatos e criteriosos, admittirem em suas casas comerciaes semelhante jogatina” (*Ibidem*, 17 jul. 1906, p. 3).

Esta realidade que produzia um papel de resistência social mais organizada perpetuava a prática do jogo, fazendo com que o lazer caminhasse por rumos competitivos, sobretudo, devido às possibilidades de negócio, não por si mesmo, mas pelo que ele poderia proporcionar, inclusive financeiramente. Não é esta a realidade do esporte moderno? Estas mudanças temporais são apresentadas por Oliveira (2017), quando reconhece a cultura como resultada da ação humana, que é mutável constantemente. Para o autor:

O sentido que cada nova geração social atribui às tradições que lhes precederam atualiza o jeito de pensar, ser e agir no mundo. Esse sujeito moderno reinventa a tradição e, à sua maneira, amolda as práticas sociais ao que lhe convém (OLIVEIRA, 2017, p. 19).

Fruto desta perspectiva, começam a surgir os clubes de malha ou ainda, clubes desportivos, que em função da popularidade de esportes como o futebol, também desenvolvia outras atividades como a Malha. O jornal Diário Carioca (1934, p. 12), na seção de esportes, registrou o seguinte na cidade de Niterói: o Tração F. C. – “participará de uma reunião que se realizará hoje na sede do Terra Nova F.C., para a fundação de uma entidade destinada a difundir o jogo da malha”. Observa-se neste enredo, clubes de futebol se apropriando também da Malha como mais uma forma de negócio e atração.

No Brasil, para sobreviver e ser aceito como jogo sério e organizado, foi preciso que a Malha caminhasse por rumos competitivos, declarando-se como esporte, tal qual

ocorreu com a capoeira do Mestre Bimba², a partir da década de 1930. Esse ar competitivo permitia que o jogo fosse menos marginalizado e possível de ser praticado por mais pessoas e diferentes grupos sociais.

Os clubes de Malha se organizaram por todo o país, a ponto de consolidarem as federações de cada Estado. O Diário Carioca de 25 de novembro de 1934, em sua página 13, registra essa organização, apresentando a fundação da Federação Fluminense do Sport de Malha.

O sport fluminense no dia de hoje está em festas, dado o passo que vem de dar para o seu maior engrandecimento. Conforme noticiámos ha dias, um grupo de “sportman” nictheroyenses querendo colaborar para a grandeza dos sports na terra de Ararigboia, deliberou a fundação da Federação Fluminense do Sport da Malha. Este projecto de ha mezes contando com o apoio dos clubs que praticam esse sport tornar-se-á hoje uma realidade. Na séde do Riodades S. Malha, com a presença dos clubs filliados, terá logar a sessão de posse da nova Directoria que dada a força de vontade dos eleitos, tudo faz crer, dentro de poucos tempos terá elevado o sport da malha ao nível das demais modalidades sportivas em prática [...].

Tal qual sua matriz portuguesa, a Malha era praticada pelo vasto território nacional com regras variadas devido a pouca regulamentação e seu aspecto lúdico. A unificação da prática ocorreu a partir da criação da CBDT – Confederação Brasileira de Desportos Terrestres – no ano de 1979. Esta confederação criou em 1986, o livro de regras do Jogo da Malha, oficializando-o como esporte competitivo. Por meio deste, a CBDT (1986, p. 1) esclarece que:

embora em muitos países ainda conservem sua forma primitiva, isto é, ferradura que se atiram contra estacas, de uma certa distância, com o objetivo de cercá-las ou deixar o mais perto possível delas, o jogo de Malha mudou, ao organizar-se como atividade esportiva.

² Mestre Bimba: Ao compreender que a capoeira precisava perder o status de prática marginal e foco das autoridades policiais, e, que para tanto, precisava ser uma prática nacional, Bimba tratou de organizar ações que a pusesse em local de destaque, sendo praticada por todos, negros e brancos, indistintamente. Para tanto, precisou provar seu valor e levá-la ao status de esporte. Isso ocorreu no momento em que o presidente da república Getúlio Vargas, ao final da primeira metade do século passado, reconhece publicamente, a capoeira como esporte nacional (FONTOURA; GUIMARÃES, 2002).

Imagem 2: Livro de regras de Malha – CBDT (1986)



Fonte: Capa do livro – acervo do autor.

Percebe-se um sentido de esportivização nas entrelinhas, visto que tal mudança atendia não somente aos amantes do esporte, mas a todo o processo de espetacularização advindo dele.

O curioso nesta trajetória é compreender como se deu esse processo de resistência, ainda que amiúde, e que sentido os praticantes desse jogo o atribuíram, em diferentes partes do mundo. Seja como prática de lazer ou de esporte, também é necessário compreender as limitações da apropriação deste jogo, seja pelos diferentes praticantes culturais, seja pela escola, como ressignificação de um saber histórico-cultural pouco conhecido.

O objetivo desta pesquisa é compreender o sentido da Malha para seus praticantes, analisando os processos de resistência temporal do jogo e as possibilidades de apropriação da atividade como importante produção cultural.

Metodologia

O presente estudo, por se tratar de um conteúdo histórico, manifestado por práticas corporais antigas e cheias de sentido, norteou-se pela pesquisa qualitativa etnográfica, sob o enredo de um estudo de caso.

Em primeiro lugar, trata-se de uma pesquisa qualitativa porque busca compreender o significado da vida das pessoas em tempo real, isto é, onde elas vivem diariamente. Em contexto, busca-se entender a visão destas pessoas sobre sua realidade e como elas se relacionam com o meio em que vivem (YIN, 2016).

Ainda que amiúde haja registro de práticas do Jogo da Malha em vários cantos do mundo, seu enfraquecimento cultural, desvalorização social e midiática tem levado ao seu desaparecimento. É o que Hall (2011) vai entender como enfraquecimento ou solapamento das identidades culturais por meio da globalização, perfazendo o perfil de sociedade líquido-moderna (BAUMAN, 2013). Encontrar grupos culturais de lazer, organizados em torno de uma prática específica, atualmente, não é tarefa fácil. Por este motivo, a escolha da Pista de Malha João Bonzi como objeto de estudo e contexto de seus praticantes parece apropriado para desvendar uma teia de relacionamentos ímpar (GEERTZ, 2011), construída em Iguaba Grande – RJ. A partir deste grupo específico, é possível estabelecer relação com outros grupos de lazer que praticam o mesmo jogo pela Região dos Lagos, ou ainda, com dissidentes de determinados grupos que foram extintos por conta de fatores como urbanização e ruptura cultural. Assim, entendendo a dinâmica cultural deste grupo, compreende-se por relação, os sentidos e significados deste jogo para outros grupos.

Para Yin (2016), o estudo de caso investiga fenômenos contemporâneos em contexto real, sobretudo, ao considerar que a relação entre estes fenômenos e contextos não parecem tão claros. Desse modo, diante da necessidade de acessar estes contextos e

enxergar de perto, os fenômenos, como eles ocorrem e como interferem na vida das pessoas, optou-se por empregar a observação participante como instrumento nesta pesquisa.

Ainda segundo Yin (2001, p. 116), a observação participante busca “perceber a realidade do ponto de vista de alguém de "dentro" do estudo de caso, e não de um ponto de vista externo”. Como pontuado por Minayo (2001, p. 51), esta técnica viabiliza a obtenção de “informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos”. Em outras palavras, o uso dessa técnica permite ao pesquisador ser um com o meio observado, realizar suas anotações e inferências sem que desperte desconfiança e, conseqüentemente, haja variações negativas sobre os resultados adquiridos.

A observação participante se deu durante cinco domingos, com datas definidas pelo próprio grupo pesquisado. A agenda foi estabelecida pelo grupo porque a pesquisa ocorreu concomitante com o período de competição estadual de Malha, da qual a equipe do senhor João Bonzi estava participando. Dessa maneira, para que encontrasse o grupo reunido, deveria obedecer às datas de treinos e jogos previamente agendadas pelo grupo.

A partir de um roteiro de entrevista pautado em lazer, competição e sentidos coletivos e individuais, foram entrevistados os responsáveis pela pista de Malha: o malhista mais velho do grupo, senhor João Bonzi, de 95 anos; seus sucessores familiares que praticam a Malha, incluindo entre estes, um filho adulto de 60 anos e, uma mulher de 40 anos (nora de João Bonzi).

Também participaram das entrevistas, vários outros malhistas locais e visitantes que se encontravam na pista de João Bonzi, todos homens adultos acima dos 50 anos. Em uma oportunidade, cheguei a observar no local, um jogo contra a equipe de Malha de Nilópolis, do Rio de Janeiro. Seu representante também foi entrevistado. Vale ressaltar aqui, que por se tratar de um estudo de caso, as entrevistas dos visitantes e

demais participantes não foram computadas, embora tenham sido importantes para desvelar a teia de relacionamentos construída por meio deste jogo.

Pautados em indicações de Thomas, Nelson e Silverman (2012), os registros de todos os dados observados ocorreram por meio de diário de campo, máquina fotográfica e gravador de som. Em estudos de Oliveira e Osborne (2018, p. 11) desta mesma natureza, os autores afirmam que o uso destes instrumentos objetiva “registrar falas, atitudes e comportamentos” que possam ser analisados posteriormente. Ainda segundo os autores, “estes instrumentos tecnológicos auxiliaram nas análises do ambiente e na dinâmica do grupo após os encontros, sobretudo para dar retorno”, caso este solicite os resultados após o período da pesquisa. Este *feedback* é importantíssimo e garante ainda mais a idoneidade e confiabilidade nas informações, haja vista a cumplicidade entre pesquisador e pesquisados.

Resultados

“Se Eu Morrer, Vocês Continuem com a Pista Aí”: Com a Palavra, João Bonzi

A Malha é um esporte que sempre esteve presente na vida do senhor João Bonzi – humilde capixaba. Seus inúmeros descendentes herdaram de si os conhecimentos da Malha, levando-os adiante. Entrevistar João Bonzi não foi tarefa fácil. No alto de seus 95 anos, sua memória é rica em detalhes que se misturam com o tempo e com os fatos. Dois momentos marcaram a entrevista: em sua casa, quando ele apresentou documentos antigos e os objetos do jogo (malhas de aço) e, em outra semana, na tumultuada sede de seu clube, onde estava ocorrendo um torneio de Malha.

Quando perguntado em sua casa sobre o sentido da Malha para si, se ela é lazer ou competição, estas foram as palavras de Bonzi: “pra mim são as duas coisas; é a consideração em um amigo; você não vê palavrão; só vê o que é bom com esse pessoal

da malha aí. Eu tô com minha turminha lá...você não vê um palavrão. [...] desde pequeno eu gostava da malha”.

Imagem 3 – João Bonzi, em sua casa (*in memoriam*)



Fonte: arquivo do autor (2018).

Bonzi sempre foi um amante do esporte, inclusive do futebol, chegando a ser dirigente de clubes famosos no passado, em Iguaba Grande, como o Palmeiras, por exemplo. No que se refere à Malha, senhor João relata que sempre teve ajuda (inclusive do poder público) para a realização das competições.

No entanto, sua pista de malha era moldada no formato antigo, de terra batida, não diferente das demais da região. Foi por meio dos conselhos de um grande amigo, que mais tarde se tornaria o presidente do Clube de Malha de Nilópolis-RJ, que Bonzi adequou sua pista aos moldes competitivos do Estado, em tamanho e forma. Esta variação marcava a saída de um modelo antigo de jogo e de quadra baseados em puro lazer para o formato esportivista, sendo aceito como espaço para competições e participação em eventos.

Imagem 4: Apresentação de diferentes pistas de Malha.



Fonte: 1. Pista de Malha de terra, à céu aberto. Disponível em: <http://agoranaregiao.com.br/2020/07/20/antes-tradicional-nas-ruas-malha-sobrevive-com-poucos-praticantes-em-mirandopolis/>. 2. Pista de Malha de cimento, à céu aberto. Disponível em: <https://montesantodeminas.mg.gov.br/2021/02/24/pintura-do-campo-de-malha/>. 3. Pista de Malha de cimento, coberta. Disponível em: <http://malhaesporte.blogspot.com/2013/06/especificacoes-e-medidas-de-uma-quadra.html>. Acesso em: 07 set. 2022. Montagem feita pelos autores.

A quadra antiga, segundo Bonzi, era ao ar livre. Então, permitia-se arremessar a malha pelo alto em direção ao pino. Com a mudança, a quadra passou a ser coberta e logicamente, isso impactou a forma de jogar também, visto que se corria o risco de acertar a malha (disco de aço) no telhado. Agora, a malha que antes deslizava sobre o chão batido, cheio de milho picado, passara a deslizar em piso de concreto liso, em um ambiente mais controlado. “Tinha jogador nosso que ia jogar e esquecia [do telhado]. A malha batia lá em cima e pá...” – Bonzi ri da estrepolia ao lembrar que a pista de outrora não tinha teto e, por conta disso, os jogadores acabavam acertando o telhado.

Imagem 5: Pista de malha de João Bonzi, com teto.



Fonte: arquivo do autor (2018)

De longa genealogia, João relata que além dos filhos, possui 22 netos e 22 bisnetos e, entre estes, muitos gostam de jogar Malha. Segundo ele, no passado, era fácil conseguir jovens que gostassem de jogar, o que não tem ocorrido com o passar dos anos, principalmente por conta do envolvimento com drogas. “A Malha pra mim é muito importante [...]; se eu puder levar uma criança pra lá [...] pra participar, eu tenho certeza que [ela] não vai entrar nas drogas”. Não seria esse o pensamento utilitário do esporte, também servindo como meio de educação e transformação social?

Questionado sobre o futuro da Malha, se ela corre o risco de desaparecer, João afirma que sim, principalmente porque a juventude que deveria dar continuidade à tradição já não curte mais este jogo.

Hoje em dia, é difícil de se achar um garoto novo para brincar. Eu tenho um neto de 14 anos que está brincando lá [aponta para a pista de Malha]. A garotada de hoje em dia quer muito é futebol. Eles dão mais valor ao futebol do que à Malha. Mas, a Malha em si não prejudica a vida de ninguém; não tem como começar uma questão, uma briga, uma desavença com esse pessoal porque são todos amigos uns dos outros.

Indagado sobre estratégias para evitar o esquecimento histórico da Malha, João Bonzi aponta alternativas viáveis baseadas em políticas públicas. “[...] para não acabar, precisaria que as prefeituras tivessem uma ‘ligazinha’ [Liga de Esportes] que pudesse ajudar os clubes”. Para ele, os times gostam de viajar de uma cidade para outra à busca

de desafios competitivos entre amigos, até para as competições oficiais. Mas, a falta de recursos financeiros e estrutura inviabiliza estas ações. “Nós estamos brincando aqui, mas nosso nome está lá em Nilópolis, lá em Casemiro de Abreu, tá em todo lugar”. Esta fala de Bonzi pontua o distanciamento dos governos desta prática cultural, que apesar de esquecida, leva a vários lugares, o nome da cidade por onde competem.

A pergunta ápice da entrevista feita ao Bonzi: o senhor ainda joga? “Jogo!” – disse ele apontando para o quadril. “O problema é só a junta melhorar aqui [põe a mão sobre o quadril] para poder abaixar”. Ele relata que esta é uma dificuldade imposta pela nova forma de jogar, pois em pistas que antes não tinham cobertura, o arremesso da malha podia ser feito em pé, não havendo necessidade de flexionar tanto o corpo. Atualmente, o arremesso é feito de maneira similar ao boliche, por exemplo (flexão de joelhos, quadril e tronco), como apresentado na Imagem 6.

Imagem 6: Posição de flexão durante o arremesso na Malha.



Fonte: Arquivo do autor (2018). Quadra de João Bonzi. Malhista realizando arremesso em flexão de vários segmentos corporais, incluindo braço esquerdo imobilizado por alguma complicação ortopédica.

“Hoje, Eu Parei de Jogar Bola para Jogar Malha, Porque Achei Muito interessante”: Com a Palavra, Roberto – um dos Filhos de Bonzi.

Roberto Carlos Bonzi é um dos filhos de João Bonzi, muito envolvido com o Esporte. Roberto relata ter jogado futebol amador, participado como árbitro durante muito tempo do maior evento de esporte de praia da região dos Lagos – o Fest Verão de

São Pedro da Aldeia³ – além de atuar como jogador de Malha. Depois de muita insistência de seu pai, Roberto afirma ter parado de jogar futebol para se dedicar à Malha.

A Malha “é um lazer competitivo [...]. A gente se une com os amigos para treinar e se torna um lazer entre nós. [...] Como tem campeonato, se tem competição, então é um lazer competitivo” – assim, ele categoriza a prática da Malha. “Já disputamos vários torneios [...]; nós somos um dos maiores campeões” da região.

Roberto é questionado sobre a ocupação geográfica da Malha na região. Em suas explicações, o mesmo identifica de 4 a 5 pistas de Malha (canha), mas que com o tempo, muitas já deixaram de existir. “É um evento que está se acabando e nós temos que incentivar isso a continuar”.

a Malha é onde a gente faz bastante amizade [...] porque é um esporte que você brinca, não machuca, não briga, não xinga, não discute; simplesmente se diverte. Então, isso é um prazer [...], passar um domingo se divertindo e entre amigos.

Apesar de diversão e entretenimento, a esportivização na Malha é algo evidente tal qual ocorre com esportes de elite como o Futebol. Segundo Roberto, um clube de Malha vizinho, em competições anteriores, chegou a contratar quatro atletas experientes do Clube Mauá – antigo Clube de Niterói-RJ – para representá-lo em competições. Diante desta situação, o filho de Bonzi demonstrou descontentamento: “a Malha é um esporte que não tem fins lucrativos; só brincadeira; então não tem lógica [...]: onde você não ganha, não tem como você pagar”. A reflexão feita diz respeito aos clubes que contratam jogadores de alta *performance* para competir em um evento que não envolve mais que troféus e medalhas.

³ Tradicional competição de praia iniciada em 1969. Detalhes em: I) OLIVEIRA, A. B. **Fest Verão de São Pedro da Aldeia**: do lazer à espetacularização dos esportes de praia. Rio de Janeiro: Autografia, 2017; II) OLIVEIRA, A. de B., OSBORNE, R., BELMONT, R. S. & TERRA, D. V. Do Lazer ao Espetáculo: a etnografia do Fest Verão de São Pedro da Aldeia. **Licere**, v.22, n.2, p.90–131, 2019. <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2019>.

Tentando fazer um paralelo entre a esportivização da Malha e seu esquecimento histórico, Roberto foi questionado sobre sua opinião acerca do desaparecimento da Malha como atividade cultural. Pondo o clube de Malha de sua família em evidência, ele pontua:

eu acho meio difícil porque na minha família tem um time de malha e um reserva [...]. Se for para chamar só os parentes, a gente tem um time de malha e sobram reservas ainda. Todos jogam Malha; todos os netos, sobrinhos jogam Malha; [...] não vai acabar. [...] Se a gente incentivar e der o apoio, não vai acabar. Não pode fazer igual a Macaé [cidade norte-fluminense]! Macaé só tinha gente velha; não foi dando oportunidade a gente nova; hoje só deve ter uns 5 jogadores numa pista maravilhosa [...] a gente tem que incentivar os novos que vêm; dar oportunidade [...] porque a gente tem que ser trocado [risos]; a gente não é eterno. Uma hora a gente não vai poder abaixar [...].

Roberto coaduna com a fala de seu pai sobre a questão do apoio do poder público. Segundo ele, a cidade de Iguaba Grande não tem representação nenhuma na área de esportes fora da região, a não ser a Malha, que já levou e continua levando o nome do município para todo o Estado. Apesar de ter recebido apoio de algumas gestões públicas no passado, ainda é pouco para o que a Malha precisa e pelo que ela fez pela imagem da cidade.

Sobre a difusão da Malha, Roberto entende que as gerações futuras precisam conhecer o esporte e, dentre as possibilidades de perpetuação desta cultura, torná-lo uma prática escolar. “Seria muito importante que as crianças viessem participar porque é um ambiente que pode vir todo mundo”. Ele lembra que a Malha é um esporte de amizade, sem violência e palavrões, se comparado a outros esportes midiáticos.

“Gostaria que Ninguém Desistisse; Que Aquele que tem Prazer em Jogar Incentivasse Mais, Convidasse Outros pra Vir”: Com a Palavra, Evana Souza – A Esportista da Família

Apesar de nora do Senhor João Bonzi, Evana de Souza diz ter começado a jogar Malha no Clube Balneário – uma pista de malha que dista daquela de João Bonzi,

uns 6 quilômetros, localizada na cidade vizinha São Pedro da Aldeia. Neste local, ficou por cinco ou seis anos, chegando a ser campeã por duas vezes em torneios da modalidade. Oficialmente, Evana está envolvida com a prática da Malha há pelo menos 12 anos. Pelo fato de ser a única mulher praticante da modalidade no meio de tantos homens, foi-lhe perguntado sobre a sua percepção acerca do assunto. Sorrindo, ela responde:

para mim é uma emoção muito grande; eu adoro participar; está no meio da galera, fazendo essa participação. [...] Desde que eu comecei neste jogo aí, tinha só uma menina que participava – a Camila – lá de Casemiro [Casemiro de Abreu]. Depois, foi passando o tempo, foi começando a namorar [...] e aí não continuou. Mas, eu não! Eu gostei, me apaixonei e continuei. Eu estou até hoje.

Tal qual seus familiares, Evana descreve a Malha como uma prática de lazer. Segundo a mesma, “é um lazer! Para mim, é um lugar de construir amizade; de você estar bem com você mesma! Eu sinto isso! Ela [a Malha] me dá um bem-estar muito bom! Então, eu me sinto muito bem fazendo isso!”. No entanto, a mesma reconhece que em se tratando das competições que participa, “fica uma tensão muito grande, mas a gente procura relaxar [ela respira fundo] [...], se solta e entra no clima, mas jogando com seriedade, levando a sério para ganhar”.

Evana tem uma intensa participação como árbitra de futebol em toda a Região dos Lagos há mais de 20 anos. Na competição histórica do Fest Verão de São Pedro da Aldeia (OLIVEIRA, 2017) iniciada em 1969, Evana é considerada a primeira mulher a arbitrar os jogos de praia e, certamente, outras competições por toda a Região dos Lagos. “Quando eu comecei no Fest Verão, eu fui a primeira mulher a estar na arena”.

Nos últimos anos, Evana tem se dedicado à Malha, seja como atleta ou membro de equipe. Ela confere à Malha um sentido bastante singular, baseado na alegria: “O prazer que a Malha me dá é a alegria que eu sinto em estar aqui, de participar, de jogar, de ver o pessoal jogar, de torcer, de estar junto das pessoas,

construindo amizades. Pra mim, isso é tudo”. No que se refere à perpetuidade desta modalidade, Evana entende que é necessário estimular outras pessoas a se aproximarem do jogo, conhecê-lo, ensiná-los, pois “se não fizer isso, [...] convidar outros, com certeza [...] vai acabar”.

aonde eu vou, eu falo, eu convido as pessoas para vir, não só meninos, mas meninas também; pra vir e dar continuidade, porque é um esporte muito bacana. [...] Gostaria que ninguém desistisse; que aquele que tem prazer em jogar incentivasse mais, convidasse outros pra vir.

A atleta da família Bonzi, como os demais membros da família, compreende que o futuro da Malha está na expansão da prática entre as futuras gerações, estimulando o hábito pelo jogo. Evana se sente tão feliz com o esporte que sonha em ver outras pessoas experimentando do mesmo sentimento.

Discussão

Considerando a cidade de Iguaba Grande, um município praiano e que há pouco mais de 20 anos era distrito de São Pedro da Aldeia, é possível estabelecer uma relação com estudos de Oliveira (2017), Oliveira e Osborne (2018) e Oliveira *et al.* (2019), uma vez que o assunto gira em torno de manifestações da cultura corporal de movimento alicerçadas no lazer, nesta região praiana. A correlação estabelecida alinha-se com o jogo da Malha pelo fato de que este também tenha origem nas práticas de lazer e se firmado na história como esporte de competição. No entanto, por não se tratar de um esporte midiaticado, perdeu sua capacidade de expansão, tanto geográfica como histórica.

Ao analisar as falas de João Bonzi e seu filho acerca da Malha, é possível compreender que para os mesmos, além de todo o lazer, sociabilidade e entretenimento causado pela modalidade, a competição é algo inerente ao esporte. Para Oliveira (2017, p. 174), o homem que é lúdico por natureza, também é competitivo, de sorte que é

impossível separar do lazer, da natureza lúdica, a vontade de se superar, de competir.

Isto é, no lazer também há competição.

o *homo criativus* [...] não satisfaz sua necessidade lúdica apenas com as oportunidades de lazer realizadas em um cenário contemplativo [...]. A necessidade de superar-se, de desafiar a si e ao outro, que também são características indelévelis do lazer [...], porque o homem que é lúdico em sua essência, exala competição de suas entranhas. Logo, mesmo nas práticas de lazer, é impossível separar do jogo lúdico qualquer coisa que remeta à competição, à disputa, à vontade de melhorar resultados, porque a brincadeira presente no jogo também é coisa séria.

O homem que é *ludens*, em sua essência, também é *competitivus* (OLIVEIRA, 2017). Esta realidade foi constatada não só entre os entrevistados, mas durante a observação participante, nos jogos. Para os malhistas e a família Bonzi, a Malha é um jogo pacificador, libertador das tensões, um lazer baseado na amizade. Mas, não é possível, dentro desta prática, diferenciar o que é jogo de lazer e o que é competição esportiva, dada a insolubilidade de suas características. Por esta razão, Oliveira e Osborne (2018, p. 2) dizem ser “[...] preciso (re) encontrar os sentidos de jogo, de lazer e do próprio esporte na concepção de seus praticantes culturais, compreendendo o quanto eles (jogo-lazer-esporte) estão imbricados”.

Huizinga (1996, p. 3) reconhece que o jogo é algo indelével à toda criatura, inclusive entre os animais. Segundo o autor, até os animais brincam como os humanos. “Bastará que observemos os cachorrinhos para constatar que, em suas alegres evoluções, encontram-se todos os elementos essenciais do jogo humano”. Estas afirmações são contrariadas por Caillois (1990), pois segundo o autor, o jogo animal não passa de impulsos mecânicos que os tornam escravos de si mesmos. Cabral (1985, p. 59), no entanto, contempla o jogo tanto na perspectiva huizinguiana como cailloisiana.

É assim preferível dizer que jogo é *toda actividade que tem como primeiro objetivo o prazer*. Tanto se inclui o jogo de homem como o de animal. O gatinho que, achando graça ao toque casual numa bola, continua a tocar-lhe

pelo prazer adveniente, está a jogar. [...] O futebol é um desporto, mas um desafio de futebol é um verdadeiro jogo, mesmo que intervenham só jogadores profissionais, desde que sintam prazer [...].

Percebe-se que independentemente da circunstância, é consensual de que o prazer seja a marca do lazer. Os relatos da família Bonzi sustentam esta afirmação. Apesar de possibilitar ares de competição e glória, a Malha converge para o espírito de amizade e companheirismo por meio de sua prática.

A intergeracionalidade é objeto de estudo em algumas pesquisas, especificamente no Beach Tennis – modalidade esportiva crescente no Estado do Rio de Janeiro. Para Gomes (2017) a prática do Beach Tennis é intergeracional porque possibilita a interrelação entre diferentes gerações, o que favorece o fomento ao esporte e os laços sociais e familiares. Ao que parece, este é um desafio dos malhistas de um modo geral e, um desafio da família Bonzi, que aposta na participação de crianças e adolescentes – ainda que familiares – como garantia de fomentar a Malha e proporcionar a sua perpetuação às gerações futuras.

Em um estudo antropológico, Fonseca (2015) percebe que o perfil dos jogadores de Malha nos clubes cariocas tem relação com homens que, em sua maioria, estão na terceira idade. É preciso entender também que a relação deste jogo com o sexo masculino tem raízes históricas, de sorte que para compreender este processo, faz-se necessário analisar em que contexto se deu o início e o desenrolar desta prática. O exército romano era um ambiente masculino; o terreno em que ocorriam as afrontas às autoridades brasileiras no período pré e pós-abolição, era masculino; as portas de venda onde a Malha se desenvolveu, inclusive nos clubes esportivos, eram ambientes masculinos. Portanto, não há de se esperar que a imagem feminina seja percebida neste esporte, principalmente ao longo de sua história mais distante. No entanto, isto não é uma regra, já que na pista de malha da família Bonzi, por exemplo, Evana de Souza é

um exemplo de esportista a ser seguida. Seu destaque e empoderamento não se dá só na Malha, mas como árbitra, inclusive.

Fonseca (2011, p. 6), ao relatar a Malha enquanto prática de lazer em Madureira, no Rio de Janeiro, percebeu a inexistência de mulheres como praticantes ou ocupantes dos espaços que dialogam com a prática desta modalidade. Como já visto, a Malha é uma atividade histórica que se estabeleceu em contextos masculinos. Apesar desse ar de masculinidade não ser uma questão na pauta deste debate, os homens que praticam a Malha na praça em Madureira, segundo a autora, relatam que além de suas esposas não demonstrarem interesse em acompanhá-los, “o local não é confortável para as mesmas (não tem banheiro, não tem cobertura)”.

Em uma análise mais profunda, percebe-se que naquele contexto, a Malha é desenvolvida em uma praça pública e, que apesar de propiciar tal lazer, não possui infraestrutura que permita a permanência de pessoas por grandes períodos de tempo. A própria autora, no decorrer de sua apresentação, justifica tal narrativa, desenhando uma realidade a céu aberto: “A pista não é coberta e não tem iluminação, não possibilitando aos jogadores praticarem o jogo em dias de muito sol ou chuva e tampouco à noite” (FONSECA, 2011, p. 3).

Na contramão desta realidade, a pista de Malha de João Bonzi, em Iguaba Grande, conta com a presença não de mulheres, no plural, mas da Evana, mulher esportista que em suas narrativas afirmou ter ciência da participação de outras mulheres no cenário da Região dos Lagos. Ademais, a quadra de João Bonzi, apesar de muito simples, é coberta e possui banheiros, o que permite a prática do lazer de maneira mais familiar e agradável.

A Malha, sob a ótica de Fonseca (2011), esportivizou-se devido à sua aproximação com as competições oficiais, normatizadas por ligas e federações em

meados do século passado. Independentemente deste cenário, o fato é que a Malha é uma atividade com regras próprias, seja para o praticante que busca descanso e entretenimento, seja para aqueles que almejam a glória e o reconhecimento por meio da vitória. Isto permite entender que esporte e lazer são práticas culturais humanas indissolúveis.

A Malha, notadamente, evoluiu de lazer à *performance*, no momento em que a competição-alvo determinava, inclusive, os motivos pelos quais os praticantes se reuniam. Isto ganha sentido naquilo que Roberto – filho de João Bonzi – afirmou: “é um lazer competitivo”. No momento em que estas práticas ganham ares de competição, Bracht (2005) passa a fazer relação com o esporte de alto rendimento, *performance* ou espetáculo. No entanto, ainda que espetacularizado, é possível jogar e competir no contexto empregado por Evana de Souza, que atribuiu a este lazer competitivo, sentidos de alegria e paz. Esta realidade dialoga com a percepção de Dieckert (1984, p. 69), quando o mesmo afirma que para os praticantes de esportes de lazer, livres e autônomos em suas ações, a “alegria, prazer e diversão estão no centro de sua atividade esportiva”.

Dumazedier (2014) atribui três funções ao lazer que possibilita entender melhor este cenário: descanso; divertimento, recreação e entretenimento e; desenvolvimento. Oliveira e Osborne (2018, p. 4) explicam de maneira objetiva estas funções:

A função de descanso está atrelada diretamente à distensão, descanso, ou seja, à ausência de fadiga, esta provocada pelas obrigações da vida diária. A segunda função, ao perceber uma fadiga ligada à motivação pessoal, ao tédio, à monotonia, serve de compensação e fuga por meio do divertimento e do prazer, livres de pressões. Por fim, a terceira e última função tem ligação com a aquisição de conhecimento, de formação individual, de um querer espontâneo que caminha na direção da participação social voluntária.

Ainda sob a ótica de Dumazedier (2014, p. 34), estas funções coexistem, isto é, são inseparáveis, interdependentes a tal ponto que “às vezes estão de tal modo interpenetradas que se torna difícil distingui-las”.

É possível ainda compreender o sentido da Malha atribuído pelos praticantes da quadra de João Bonzi como jogo de lazer. Todos os entrevistados neste estudo, além das observações feitas durante os diferentes finais de semana, possibilitaram entender o contexto de lazer impregnado na prática da Malha. Por outro lado, também foi possível identificar a tensão entre os praticantes no que se refere aos momentos práticos, sobretudo em se tratando de confrontos contra visitantes. Dumazedier (2014, p. 34) dialoga com Huizinga (1996) ao reconhecer o lazer na perspectiva da distensão, das ações que equilibram o indivíduo diante da vida cotidiana. Desse modo, o lazer passa a ser um conjunto de:

ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Contraditoriamente, as práticas corporais de lazer que buscam sensações de relaxamento e prazer não estão isentas de tensão. Mas, não se trata de qualquer tipo de tensão, daquelas que desmotivam ou estressam, mas “um tipo especial de tensão, um excitação agradável” que provoca sensações de paz e liberdade, que contribui para “perder, talvez para libertar, tensões provenientes do stress” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 79). Portanto, Oliveira e Osborne (2018, p. 5) concluem que “o jogo que é tenso por natureza, também agrada e libera tensões”.

Para Caillois (1990, p. 27), as pessoas possuem variadas motivações que as levam a atribuir diferentes categorias à intenção do jogo (*Agôn, Alea, Mimicry e Ilinx*). Contudo, em todas estas categorias, a liberdade é o cerne central: “Só se joga se se quiser, quando se quiser e o tempo que se quiser. Isso significa que o jogo é uma atividade livre”. Conclusivamente, é coerente sustentar este discurso com as palavras de Oliveira e Osborne (2018, p. 6), cuja visão possibilita entender que está na intenção do

sujeito “o fator gerador da diferença entre esporte de lazer e esporte de rendimento, ainda que se considere haver competição no lazer e lazer na competição”.

Oliveira e Osborne (2018) afirmam não haver meios para extrair do esporte de lazer, a essência competitiva. Isto se dá porque, segundo afirmações de Dieckert (1984, p. 69), “[...] sem a ambição pela *performance* e sem o desejo de melhorar, nenhum esportista de lazer alcançará prazer através do esporte e do jogo, pois a *performance* pertence às categorias básicas de existência humana”.

Desse modo, por fim, o jogo da Malha assume um lugar qualquer entre o lazer e a competição, sem que seja apenas um ou apenas outro. Decerto, o momento do jogo é para seus praticantes distensão e entretenimento, liberdade e paz. Por outro lado, também é uma maneira de imprimir a identidade atlética de cada indivíduo nas jogadas, nas competições, à busca de apresentar o melhor de si, comparando-se com o melhor dos outros.

Considerações Finais

A família Bonzi – guardiã por décadas de uma prática genuinamente lúdica – permite que malhistas de toda a Região dos Lagos tenham um ambiente, um refúgio em que possam usufruir desta liberdade imediata e, ao mesmo tempo, apresentarem predicativos que só são vistos nos momentos de competição. Lazer e competição, apesar de seus conceitos, ocorrem de maneira simultânea em suas práticas, de forma que impossibilita ao próprio praticante distingui-los.

O jogo da Malha, como muitas manifestações corporais tipicamente voltadas para o lazer, evoluiu historicamente para formatos mais competitivos, sem que isto impedisse a autorrealização com o jogo, isto é, a inventividade, a liberdade e a sociabilidade.

Este lazer, jogo, ou ainda desporto, que sobreviveu às ações humanas e ao tempo tende a desaparecer, considerando as preferências corporais da modernidade, bem como a hegemonia de certas práticas em detrimento de outras. Neste sentido, é preciso concordar com a família Bonzi, quando dizem que é preciso renovar, fomentar a prática por meio de escolares que se empenhem em aprender a prática, conservando-a culturalmente.

Os espaços que poderiam garantir a perpetuidade da Malha vêm, paulatinamente, sendo modificados com o crescimento urbano, ou ainda, com novas construções que tendem a assumir novos perfis, novos modelos de negócio, sufocando ainda mais, os escassos lugares que resistiram ao tempo.

O fomento à Malha na Região dos Lagos se dava, sobretudo, pela Liga de Esportes de São Pedro da Aldeia. Esta liga, junto ao órgão público local, além de ser a responsável durante muitos anos pela realização do Fest Verão/Jogos de Verão de praia, também dava suporte na organização de competições de Malha, considerando este jogo uma prática exclusiva de um grupo social bastante peculiar e que se fazia presente na cultura local.

A família Bonzi, no contexto da Malha, esforça-se coletivamente para manter a importância social de suas práticas e conservar a história do esporte, dos praticantes que se dedicaram à modalidade. No entanto, ao que se percebe, é uma prática sem renovação suficiente para se manter longeva, sendo possível perceber seu desaparecimento ao longo dos anos.

A Educação Física, sobretudo aquela desenvolvida nas escolas, ao compreender a prática da Malha como mais uma das muitas manifestações da cultura corporal de movimento, pode e deve ressignificar o jogo e permitir sua entrada no rol

dos conteúdos desenvolvidos pela disciplina, sobretudo apropriando-se desta manifestação nas comunidades em que ela ainda se encontra presente.

A Malha foi e ainda é, mesmo que amiúde, uma prática evidente por todo o Brasil. Faz-se necessário novas pesquisas que evidenciem não somente seu flagelo ao longo dos anos, mas que apresente seus benefícios, possibilidades de trabalho e adequação aos espaços educacionais, além da necessidade categorizá-la como uma produção histórico-cultural capaz de ser considerada patrimônio da humanidade, dada a capacidade de ter rompido milênios e se perpetuado no cotidiano diferentes povos.

Ao finalizar este artigo, cabe informar uma triste notícia: o patriarca da família Bonzi já não se encontra entre seus entes queridos e amigos. O mesmo faleceu em 2020, aos 97 anos. Essa tem sido a trajetória da Malha: personagens que deram a vida pela modalidade e, que pela pouca renovação intergeracional, acabam levando consigo tudo o que foi construído e conquistado ao longo de décadas.

Este trabalho, de certa forma, homenageia João Bonzi – por toda a sua dedicação, persistência e história em torno da Malha.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **A cultura no mundo líquido-moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.
- BRASIL. Código Penal dos Estados Unidos do Brasil. **Decreto 847**, de 11 de outubro de 1890. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D847.htm. Acesso em: 10 fev. 2021.
- CABRAL, Antônio. **Jogos populares portugueses**. Portugal: Domingos Barreira, 1985.
- CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Cotovia, 1990.
- CBDT. Confederação Brasileira de Desportos Terrestres. **Regras Oficiais de Malha**. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 1986.
- DIÁRIO CARIOCA. **Malha**: está fundada a Federação Fluminense do Sport da Malha. Niterói: Diário Carioca, 25 de novembro de 1934, p. 13. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_02&pesq=malha&hf=memoria.bn.br&pagfis=17180. Acesso em 15 fev. 2021.

DIÁRIO CARIOCA. **Sport Club Malha**. Jornal Impresso. Niterói: Diário Carioca, 06 maio 1934, p. 12. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093092_02&pasta=ano%20193&pesq=malha&pagfis=14761. Acesso em: 15 fev. 2021.

DIECKERT, Jürgen. **Esporte de lazer: tarefa e chance para todos**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FONSECA, Ingrid Ferreira. Jogando com as malhas: lazer de senhores do Bairro Madureira, Cidade do Rio de Janeiro. **Anais... CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 7 e, CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 4**. Porto Alegre, 11 a 16 set. 2011.

FONSECA, Ingrid Ferreira. **Sociabilidades em um Clube de Malha: perspectivas antropológicas sobre jogo, masculinidade e envelhecimento**. Tese de Doutorado em Antropologia. Universidade Federal Fluminense. Niterói: Uff, 2015.

FONTOURA, A. R. R.; GUIMARÃES, A. C.A. História da Capoeira. **R. da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 13, n. 2 p. 141-150, 2. sem. 2002.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GOMES, R. B. L. **O Beach Tennis como atividade intergeracional**. 2017. 172f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física) - Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2017.

GONZAGA, L.; PORTELLA, J. **Calango da lacraia**. Biblioteca Nacional. Biblioteca Digital Luso-brasileira. 1946. Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/30304>. Acesso em: 01 set. 2022.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NHPA. The National Horseshoe Pitchers Association. **The official NHPA playing rules, requirements, guidelines, and specifications for the sport of horseshoe pitching**. NHPA, 2016. Disponível em: <https://www.horseshoepitching.com/rules/RGS2016Booklet.pdf>. Acesso em 29 mar. 2021.

NHPA. National Horseshoe Pitchers Association. **History of horseshoe pitching, 2021**. Disponível em: <https://www.horseshoepitching.com/historical-horseshoes/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

O FLUMINENSE. **Baldeador**. Jornal Impresso. Niterói: O Fluminense, 01 abr. 1903, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=100439_04&Pesq=ofender%20com%20malhas&pagfis=4091. Acesso em: 15 fev. 2021.

O FLUMINENSE. **Folhetim**. Jornal Impresso. Niterói: O Fluminense, 30 out. 1905, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=100439_04&Pesq=ofender%20com%20malhas&pagfis=7880. Acesso em 15 fev. 2021.

O FLUMINENSE. **S. Lourenço**. Jornal impresso. Niterói: O Fluminense, 28 de abril de 1904, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=100439_04&Pesq=ofender%20com%20malhas&pagfis=5669. Acesso em 15 fev. 2021.

O FLUMINENSE. **São Pedro d'Aldêa**. Jornal impresso. Niterói: O Fluminense, 17 de jul. 1906, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=100439_04&Pesq=ofender%20com%20malhas&pagfis=8907. Acesso em 15 fev. 2021.

OLIVEIRA, A. B. **Fest Verão de São Pedro da Aldeia**: do lazer à espetacularização dos esportes de praia. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

OLIVEIRA, A. B. OSBORNE, R. “Deixa amor”: a cultura do futebol de praia na perspectiva de um grupo de lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v.21, n.3, set/2018.

OLIVEIRA, A. B.; OSBORNE, R.; BELMONT, R. S.; TERRA, D. V. Do Lazer ao Espetáculo: a etnografia do Fest Verão de São Pedro da Aldeia. **Licere**, v.22, n. 2, p. 90–131, 2019.

SÃO PAULO. Assembleia Legislativa. Câmara Municipal de Bananal. **Resolução nº 137 de 08 de junho de 1886**. Código de Postura. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/resolucao/1886/resolucao-137-08.06.1886.html>. Acesso em: 20 mar. 2021.

THOMAS, Jerry R.; NELSON Jack K.; SILVERMAN, Stepehen J. **Métodos da pesquisa em atividade física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

Endereço do Autor:

André de Brito Oliveira

Endereço Eletrônico: profandre.ef@gmail.com